

# O HOMEM: UM PROBLEMA COMPLEXO NUM COMANDO COLIGADO.

Maj EVERALDO DE OLIVEIRA REIS  
Oficial de Estado-Maior

## NOTA DO AUTOR

Este trabalho foi escrito antes da vitória da Revolução, que restabeleceu no país os princípios da civilização cristã. Encerra, pois, conceitos que hoje estão superados. Não os modifiquei, porém. Representam minha homenagem aos que lutaram sem desesperrar.

Quero também expressar meus agradecimentos ao Major ANTONIO HENRIQUE DE NORONHA, sem cuja preciosa colaboração este estudo não teria vindo a lume.

Este, como é óbvio, não é um trabalho original. É apenas a expressão de uma meticulosa pesquisa nas Memórias dos dois mais graduados comandantes de forças terrestres dos Exércitos Aliados na II Grande Guerra: o General OMAR NELSON BRADLEY, comandante do 12º Grupo-de-Exércitos norte-americano e o Marechal BERNARD LAW MONTGOMERY, comandante do 21º Grupo-de-Exércitos Britânico. Empolgados pela leitura de tais documentos, que, não nos foi possível manusear no idioma original, nos impressionou sobretudo a maneira diferente, embora, é evidente, honesta, como cada um destes grandes chefes apreciou as situações que juntos viveram.

Um comando coligado é certamente alguma coisa de muito complexo. E esta complexidade se avoluma, quando as forças a combinar representam uma coligação de países. A par dos inúmeros problemas de tática, de estratégia e de administração militar, ou mesmo superando-os, surgem os problemas psico-sociais. Desde a necessidade de conciliar os altos interesses nacionais dos países coligados, que, embora coincidentes no momento, as vezes encerram tradicionais e acendrados antagonismos, até os mais egoístas e até mesmo, quem sabe, mesquinhos pontos de vista dos comandantes de todos os escalões. Mais do que nunca, será oportuno ter presente a judiciosa afirmativa de PAULA CIDADE:

"Ora, bem sabemos que o homem é sempre o homem, com seus defeitos e com as suas qualidades, deixando à história a tarefa de fazer-lhe as contas, para apurar os saldos que medirão a sua benemerência."



Para possibilitar ao leitor uma visão mais completa, vamos retratar os dois grandes chefes, não com as nossas palavras, que poderiam não ser fiéis. Apresentaremos o auto-retrato de cada um deles e os complementaremos com opiniões mais ilustres que as nossas.

De MONTY, nos conta CHESTER WILMOT: "... êle não era como os outros homens, não revelando qualquer traço das fragilidades humanas. Evitava deliberadamente a companhia feminina, não fumava, nem jogava pôquer com os rapazes. Não pertencia ao tipo dos que se batem nas costas.

Inquestionavelmente, havia um marcado elemento de vaidade profissional na personalidade de MONTGOMERY."

E nada melhor para retratar o homem, do que o trecho abaixo, de um bilhete:

"Caro Ike :

Conheço muito bem meus defeitos e estou certo de que não sou um subordinado fácil de ser comandado, pois gosto de seguir os rumos que eu mesmo traço.

Seu muito devotado amigo  
Monty"

HEITOR HERRERA (2) assim nos descreve BRADLEY: — "Homem simples, modesto, Bradley observou religiosamente o princípio de comando, tão característico no Exército norte-americano, de conceder completa autonomia operacional aos chefes dos escalões subordinados."

E são do próprio BRADLEY os seguintes conceitos: — "Onde há homens, há orgulho e ambição, prejuízo e conflitos. Entre os generais, como entre os demais homens, a capacidade não pode sempre ofuscar a fraqueza, nem pode o talento ocultar as faltas."

— "Quando um oficial se saía como eu esperava, cumprimentava-lhe. Quando hesitava, tentava ajudá-lo. E quando falhava, relevava-o."

Passemos agora aos fatos :

## 1 — A CAMPANHA DO NORTE DA AFRICA

No dia 8 de novembro de 1942, as forças terrestres norte-americanas intervieram pela primeira vez na chamada II Guerra Mundial.

Dando execução ao PLANO DE OPERAÇÕES TORCH (Fig. 1), três Grupamentos, naquela data, desembarcaram no NORTE DA



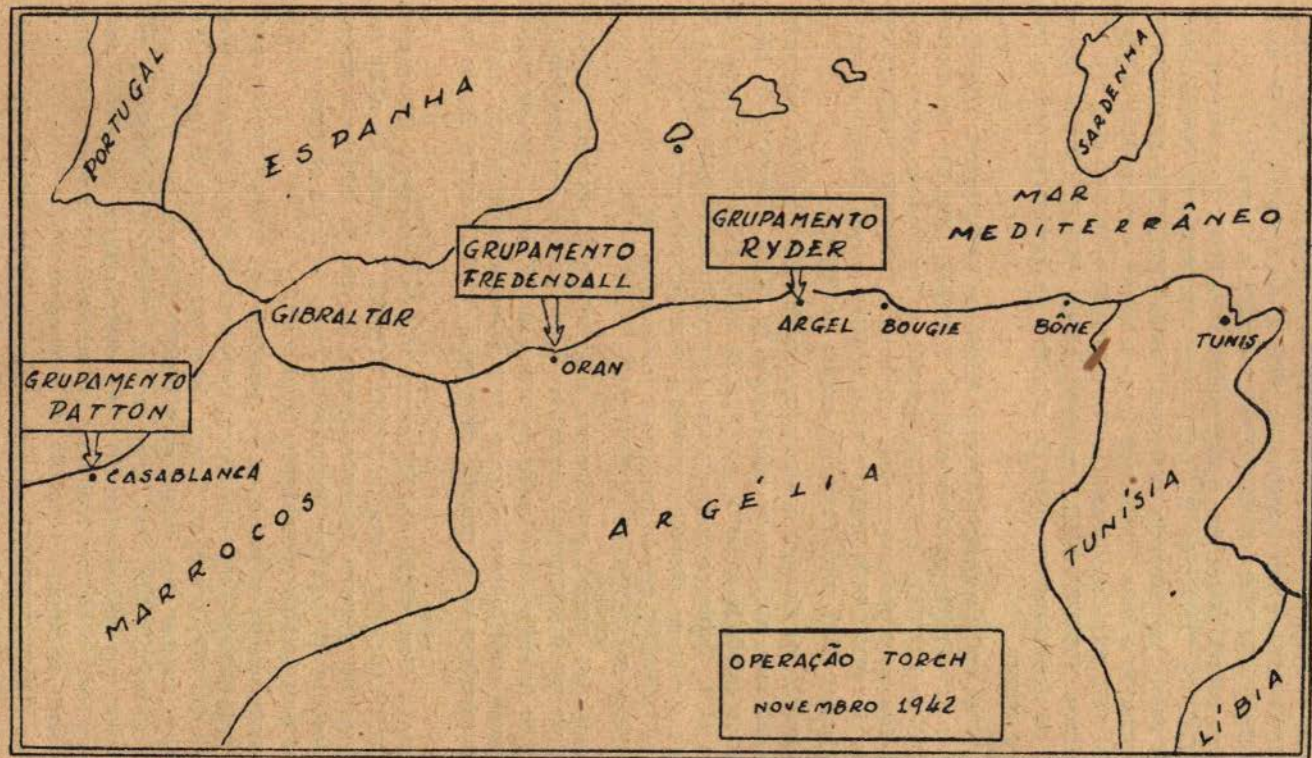


Fig 1 O PLANO DE OPERAÇÕES TORCH



AFRICA. Um, na cidade de CASABLANCA, ao comando do General GEORGE S. PATTON, outro em ORAN às ordens do General LOYD R. FREDENDALL e um terceiro em ARGEL ao comando do General CHARLES W. RYDER. EISENHOWER dirigia a Operação.

Como estava planejado, o Grupamento PATTON permaneceu em CASABLANCA, "sentinela à vista" para FRANCO. O Grupamento RYDER passou ao comando do General inglês KENNETH ANDERSON e aproveitando o êxito inicial, que fôra completo, cerrou sôbre a fronteira da TUNÍSIA, apoderando-se de BOUGIE e BÔNE (Fig. 1). O Grupamento FREDENDALL marchou sôbre TUNIS. Eram quase 900 km de deslocamento; antes de primeiro de janeiro, perdera a impulsão e parara.

Resolveu então o Quartel-General Aliado no Mediterrâneo (AFHQ), organizar uma frente contínua a W da TUNÍSIA (Fig. 2). Ao Norte, em tôrno de BIZERTA e TUNIS, ficaram os ingleses, ao centro, elementos franceses que guarneciam a linha dos DORSAIS ORIENTAIS, balizada por FONDOUK, FAID e MAKNASSY; ao sul estavam os norte-americanos. Era uma frente da ordem de 400 km.

De pronto, os alemães começaram a contra-atacar e cada vez mais audaciosamente, até que na madrugada de 13 de fevereiro de 1943, uma fôrça blindada investiu por PASSO FAID (Fig. 2), na zona de ação do já 2º Corpo norte-americano (comando de FREDENDALL) e penetrou fundo no dispositivo aliado, ameaçando envolvê-lo e obrigando ANDERSON, que se encontrava no comando da frente, a retrair para a linha dos DORSAIS OCIDENTAIS.

Os alemães, porém, mantiveram o contato e já na nova posição, em PASSO DE KASSERINA, infligiram nova derrota aos americanos. Só a 21 de fevereiro, após ceder da ordem de 250 km, é que os norte-americanos conseguiram deter o contra-ataque, para o que contribuiu, inegavelmente, a pressão feita pelo VIII Exército Inglês na LÍBIA.

Como o General BRADLEY comenta êste insucesso? Narrando em suas Memórias a visita de EISENHOWER à frente, na noite de 12 de fevereiro, véspera do contra-ataque, êle diz: "a infantaria amontoada nos *djebels* (colinas) isolados ao longo da linha de frente e as reservas móveis jaziam espalhadas aqui e ali."

E mais adiante referindo-se ao sucedido em PASSO DE KASSERINA: "um inexperiente comandante de regimento dispôs seus homens na saída do vale, como se fôssem deter uma manada de gado. As montanhas críticas que ladeavam o PASSO ficaram sem defesa e o alemão investiu sôbre elas, arrasando-as. Tendo dispersado as reservas com que poderiam montar um contra-ataque, os aliados empregaram todo o efetivo, batalhão por batalhão. E à proporção que se lançavam ao ataque o alemão os exterminava."

Como MONTGOMERY comenta êstes mesmos fatos? Em suas Memórias, êle nos relata as impressões abaixo, que diz ter ouvido



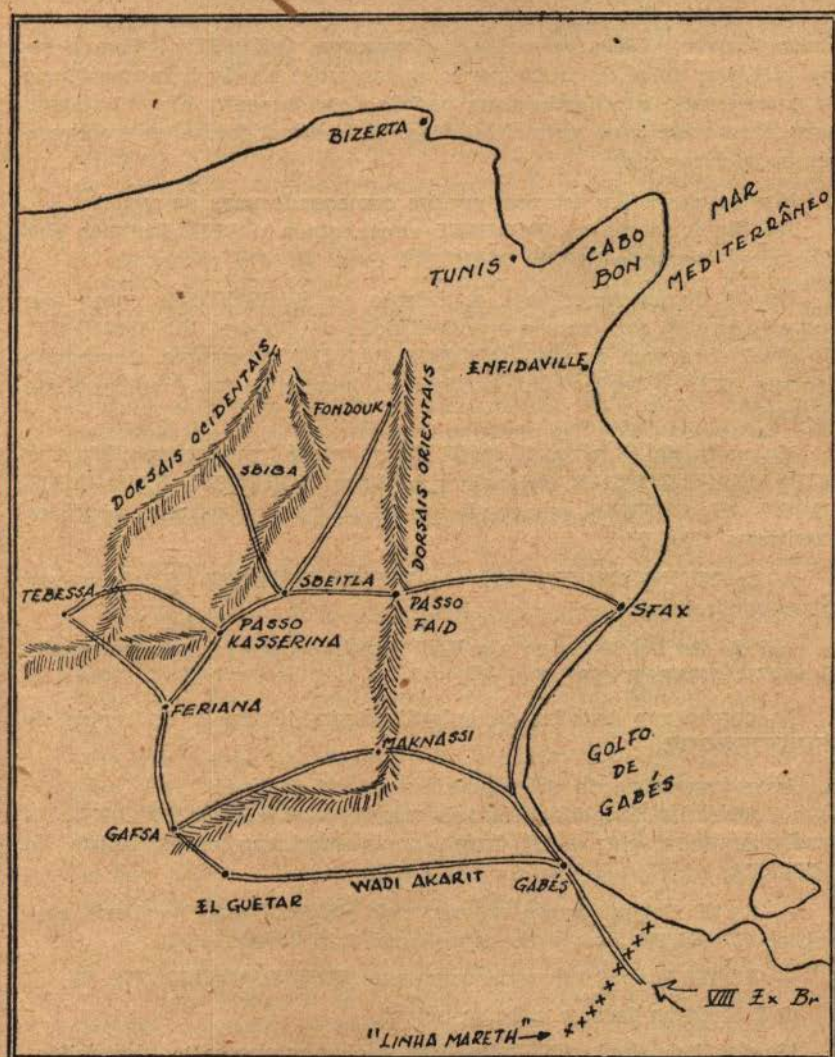


Fig 2. Operações aliadas na TUNÍSIA



do General ALEXANDER: "encontrara as coisas em terrível confusão... Em geral notara estagnação; não havia política nem plano, o *front* estava confundido; não havia reservas nem treinamento; não se planejava para o futuro; os chamados Campos de Repouso se encontravam em péssimo estado e assim por diante. Desapontou-se com as tropas americanas: estavam mental e fisicamente "moles" e muito "verdes" (despreparadas)". Prossegue "MONTY": "Era a velha história: falta de treinamento apropriado, aliado à inexperiência de guerra, tudo isto ligado a um padrão de vida muito alto. Estavam para atravessar seus primeiros dias, da mesma forma que atravessáramos os nossos."

Mas as operações estavam apenas começando para os americanos.

No dia 6 de março, ROMMEL contra-ataca o VIII Exército Britânico, na chamada LINHA MARETH (Fig. 2). Foi rechaçado.

No 2º Corpo Americano, a derrota de KASSERINA, como não podia deixar de ser, causou a substituição do General FREDENDALL. No dia 7 de março de 1943, GEORGE S. PATTON assume o comando daquela GU e, desde logo, começa a incutir-lhe um real espírito militar.

Na noite de 16 para 17, o 2º Corpo ataca para reconquistar os DORSAIS ORIENTAIS ou melhor, a linha FONDOUK—FAID—MAKNASSY—EL GUETAR, em condições de prosseguir para as planícies marítimas (Fig. 2).

A 20, MONTGOMERY ataca a LINHA MARETH. O cerco está quase concretizado.

A 7 de abril o 2º Corpo e o VIII Exército fazem junção na região de WADI AKARIT (Fig. 2).

Ia começar a batalha de aniquilamento. O início do revide de DUNQUERQUE.

Após uma série de delongas, ficou decidido que:

— o I Exército Britânico conquistaria TÚNIS e o CABO BON, devendo cooperar com o 2º Corpo norte-americano na conquista de BIZERTA.

— Ao 2º Corpo (agora ao comando de BRADLEY) caberia conquistar BIZERTA, com a cooperação do I Exército.

— O VIII Exército deveria conquistar ENFIDAVILLE (Fig. 2).

O I Exército faria a ação principal.

No dia 21 de abril, o VIII Exército iniciou as operações planejadas.

Conta-nos o General BRADLEY: — "as tropas de MONTGOMERY, experimentadas em luta no deserto, investiram pelas montanhas de ENFIDAVILLE, mas, encontrando um terreno estranho, fracassaram."

A 23 de abril, como estava previsto, foi desencadeada a ação principal: os ataques coordenados do I Exército e 2º Corpo. Sete dias



depois a ofensiva parara em tôdas as frentes, exceto na do 2º Corpo. O I Exército se esvaíra em ataques múltiplos e o VIII fôra detido.

ANDERSON tentou então retirar meios do 2º Corpo, mas o General BRADLEY negou-se a atendê-lo. Voltou-se então para o VIII Exército (depoimento do comandante do 2º Corpo), "que estava desperdiçando suas forças nas montanhas minadas de ENFIDAVILLE" e retirou-lhe algumas das suas divisões.

No dia 6 de maio, o I Exército, agora com o escalão de ataque mais potente, lançou-se novamente ao ataque. A 7 de maio, o 2º Corpo, ou mais precisamente, a 9ª DI, sem a cooperação inglesa, apossou-se de BIZERTA. Simultaneamente o I Exército britânico conquistava TUNIS.

A 12 de maio de 1943, rendiam-se na AFRICA os últimos redutos alemães, 48 horas depois da rendição incondicional do Africa KORPS. Ao contrário do que se poderia supor, entregaram-se 250.000 alemães.

Do relato de BRADLEY, depreende-se que MONTGOMERY fracassou na ação sobre ENFIDAVILLE e ANDERSON também fracassou porque dispersou os meios que possuía. Para obter êxito na ação principal foi necessário retirar meios do VIII, para beneficiar o I Exército. Já o 2º Corpo, atuando sob comando americano, não apenas cumpriu a missão que lhe fôra imposta, como superou-se ao fazê-lo sem a cooperação inglesa, como estava previsto.

Façamos agora um resumo de como "MONTY" relata os fatos:

— As missões atribuídas aos Exércitos: "no dia 10 de abril, escrevi a ALEXANDER uma carta em que lhe dizia ser necessária uma decisão no tocante a qual Exército faria o esforço capital, para a fase final da TUNISIA. Recomendei que o I Exército o fizesse ..... minha tarefa era a de exercer pressão todo o tempo e fazer com que o inimigo pensasse que o ataque principal seria desfechado pelo VIII Exército. Fiz meus planos de acôrdo com isto e ataquei a posição de ENFIDAVILLE na noite de 19 para 20 de abril. Era difícil ir pelas montanhas próximas de TRACOUNA, mas progredi cêrca de três milhas. Reagrupei minhas tropas e fiz planos para desfechar um outro ataque depois de uma semana."

— Acontecimentos na frente do I Exército: — "A tentativa inicial do I Exército de irromper em direção a TUNIS, porém, não teve sucesso. Deu-se no dia 23 de abril. Cinco Corpos atacaram ... e cada Divisão com tôdas as Brigadas de Infantaria; foi mais uma caçada de perdizes do que u mataque e não havia esperança de sucesso...

Disse-lhe (a ALEXANDER) que era essencial reagrupar os dois Exércitos, I e VIII, de tal modo que o ataque sobre TUNIS, pudesse ser feito com o máximo de força, na área mais adequada.

Sugeri que enviaria ao I Exército a 7ª Divisão Motorizada, a Div Indiana, a 201ª Brigada de Guardas e alguma artilharia extra, junto



com um comandante de Corpo muito experimentado para dirigir o ataque; .....

HORROCKS passou para o I Exército e dirigiu o ataque do Corpo sobre TÚNIS no dia 6 de maio; o mesmo se fez com grande ímpeto no ponto escolhido e abriu uma brecha através das defesas inimigas a W de TÚNIS. BIZERTA e TÚNIS foram capturadas no dia 7 de maio e o inimigo viu-se impelido para a península do CABO BON.

A resistência organizada do inimigo terminou no dia 12 de maio tendo sido feitos cerca de 248.000 prisioneiros."

MONTGOMERY difere de BRADLEY e muitos pontos. Senão vejamos :

- O PLANO DE OPERAÇÕES fôra concebido por êle (MONTY) e o VIII Exército não foi detido. Parou para se reorganizar e prosseguiu.
- Concordam no que se refere ao I Exército; fragmentou os meios e por isto não obteve êxito.
- Mas foi dêle ("MONTY") a idéia de reforçar o I Exército e de fornecer-lhe um comandante de Corpo capaz de levá-lo à vitória.

Em síntese, tudo o que foi feito, o foi graças ao seu conselho. Com quem estará a verdade?

## 2 — A CONQUISTA DA SICÍLIA — "OPERAÇÃO HUSKI"

Expulsos os alemães da ÁFRICA, iam agora os aliados fazer-lhes o cerco na EUROPA. A SICÍLIA, no MEDITERRANEO, foi o lugar escolhido para início da grande empresa. Dois Exércitos realizariam a operação: o VII americano, ao comando do General GEORGE S. PATTON, e o VIII britânico, de tão gloriosas façanhas na ÁFRICA, sob as ordens do já legendário Sir BERNARD LAW MONTGOMERY. Os americanos já haviam recebido o "batismo de fogo" e os chefes militares começavam a conquistar justo renome, particularmente o discutido General PATTON.

O comando da operação estava entregue ao inglês HAROLD ALEXANDER.

No dia 10 de julho de 1943 o desembarque foi realizado: os ingleses desembarcaram na frente compreendida entre SIRACUSA e PACHINO (inclusive) e os americanos entre PACHINO (exclusive) e LICATA (inclusive) (Fig. 3).

Era uma operação anfíbia de grande vulto. O problema dos portos para a organização dos comboios não foi de fácil solução, par-



ticularmente para os britânicos. Os americanos se concentraram em ORAN, ALGER e BIZERTA e os ingleses em ALEXANDRIA, PORTO SAID, HAIFA e BEIRUTE.

Um outro aspecto a assinalar no desembarque era que a "operação não estava regulada". Fixava-se apenas a "cabeça-de-ponete" a estabelecer. Depois seria "conduta de combate".

Conquistados os aeroportos importantes da ilha: PONTE OLIVO, BISCARI e COMISO (Fig. 3), todos dentro dos perímetros da cabeça-de-ponete que lhe cabia estabelecer, o VII Exército progrediu para o N e atingiu a rodovia CALTAGIRONE-VIZZINI, que lhe tinha sido imposta como "linha de controle amarela".

Sucedeu então o episódio que contribuiu para procrastinar o término da campanha e possibilitar, conseqüentemente, a fuga das Divisões que guarneciam a Ilha: o VII Exército abandonou a direção de progressão NE e infletiu sobre PALERMO. A execução de tal medida implicou em retirar a 45ª DI americana da frente e trazê-la para área inicial de desembarque, de modo a permitir que ele se colocasse a W da 1ª DI, que progredia sobre PALERMO. A estrada CALTAGIRONE-VIZZINI foi incluída na zona de ação do VIII britânico, que passando por ENNA devia flanquear o Monte ETNA (Fig. 3).

VEJAMOS como BRADLEY e MONTGOMERY apreciaram este incidente. BRADLEY que já comandara o 2º Corpo americano no final da Campanha da TUNÍSIA, desembarcara na SICÍLIA ainda à frente desta GU.

Relata-nos MONTGOMERY: — "De fato não havia plano principal. Como resultado disso, as operações e as ações não foram coordenadas apropriadamente. Os Comandantes de Exércitos desenvolveram suas próprias idéias de como proceder e, então, disso "informaram" a mais alta autoridade. O VII Exército americano, uma vez em terra, teve permissão de seguir em direção a W, até PALERMO (o grifo é nosso). Dêsse modo, perdeu a oportunidade de dirigir sua principal linha de avanço em direção ao N..."

Os americanos porem não contam os fatos assim. BRADLEY nos relata um encontro que teve com PATTON, no PC em GELA, quando este assim se expressou: — "Recebemos uma diretiva do Grupo-de-Exércitos, Brad. MONTY vai alcançar a estrada VIZZINI—CALTAGIRONE no seu avanço para flanquear CATANIA e Monte ETNA passando por ENNA. Isto significa que você tem de deslocar sua 45ª DI pelo W."

E continua o narrador: — "Algumas semanas depois, quando a Campanha da SICÍLIA terminou, PATTON visitou MONTGOMERY no PC deste último. Enquanto conversavam, GEORGE queixou-se da injustiça de que fôra vítima por parte da diretiva do Grupo-de-Exér-



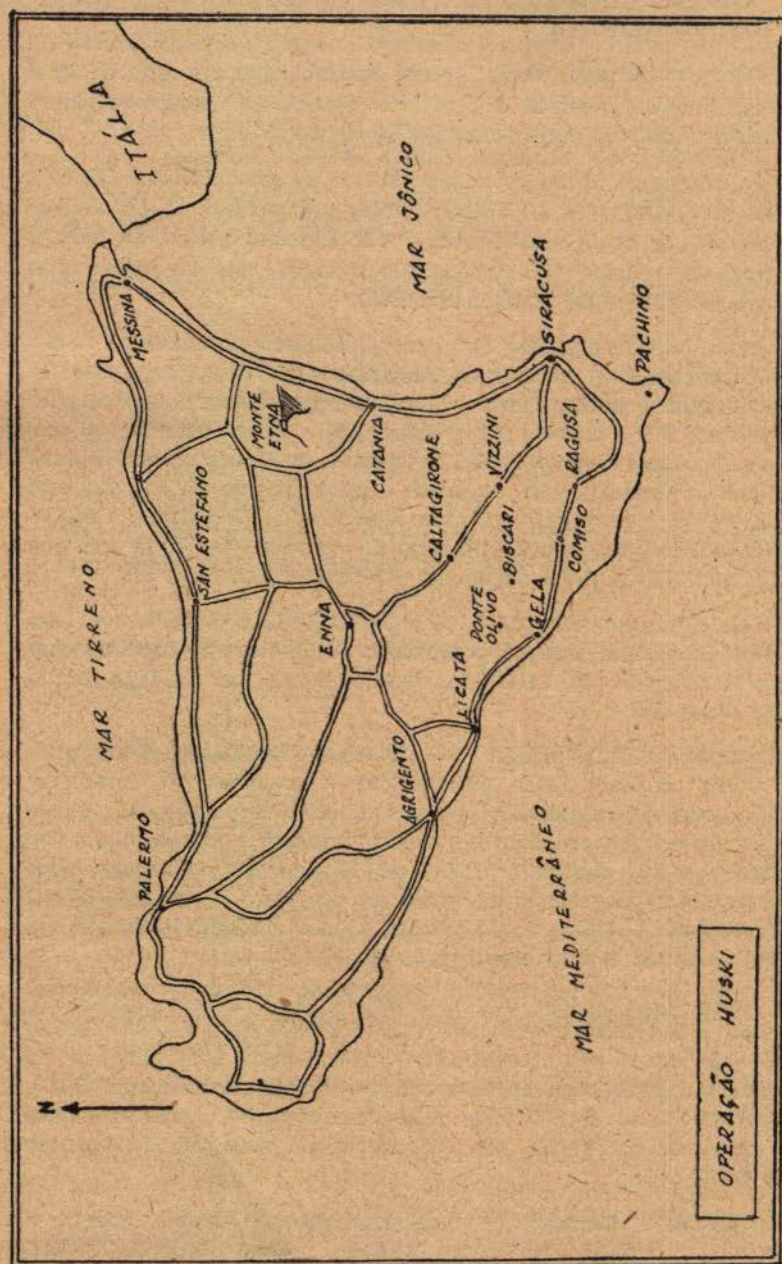


Fig 3- Operações na Sicília



citos de ALEXANDER, com respeito à estrada VIZZINI—CALTAGIRONE. MONTY contemplou-o com um ar alegre e disse-lhe:

— GEORGE, deixe-me dar um conselho. Se você recebe do Grupo-de-Exércitos uma ordem que não lhe agrada, não dê crédito. É justamente isto que eu faço.

.....

Em sua essência o comentário de MONTGOMERY refletia um ponto de vista generalizado nos comandos ingleses, ponto de vista esse difícil de ser compreendido por um chefe militar norte-americano. Diferente do Exército norte-americano, no qual uma ordem implica no seu imediato cumprimento, os ingleses interpretam a ordem como sendo passível de uma discussão entre os chefes e, se resulta numa divergência de opiniões, esta mesma ordem é alterada podendo até ser modificada...

A 20 de julho, ALEXANDER modificando decisão anterior determinou que o VII Exército marchasse também sobre MESSINA.

A 17 de agosto de 1943, a localidade foi conquistada, encerrando a campanha. Os resultados obtidos, porém, não foram compensadores como seria de desejar.

### 3 — A CAMPANHA DA EUROPA: “OPERAÇÃO OVERLORD”

O dia 6 de junho de 1944 (Dia D) foi palco da maior operação anfíbia, que se tem memória até hoje.

Naquela data, após cinco anos de desilusões, derrotas, esperanças e vitórias, os aliados voltaram à FRANÇA. O 21º Grupo-de-Exércitos ao comando do General BERNARD LAW MONTGOMERY desembarcava nas praias da NORMANDIA, numa frente que começava na foz do Rio ORNE (Fig. 4) a Leste e terminava a Oeste na península de CONTENTIN, na região que conduzia a STE MÈRE-ÉGLISE.

Elementos de quatro divisões americanas (a 1ª, a 29ª, a 4ª e a 9ª) e de três do REINO UNIDO (a 50ª Ing, a 3ª Cnd e a 3ª Ing), desembarcaram em primeiro escalão. Simultaneamente saltaram três Grandes Unidades aeroterrestres: a 6ª Ing e as 82ª e 101ª norte-americanas.

O objetivo desta operação — Operação OVERLORD — era assim definido: “... conquistar e manter uma cabeça-de-praia no Continente, capaz de permitir o lançamento de futuras operações. Essa área deve conter facilidades portuárias suficientes para abrigar um efetivo de vinte a trinta divisões...”

A 13 de junho, isto é, do dia D + 7, o perímetro da cabeça-de-praia estabelecida era o seguinte (Fig. 4): RIO ORNE, CAEN (exclusive), TILLY-SUR-SEULLES (exclusive), CAUMONT, ST LO (exclusive), ISIG-



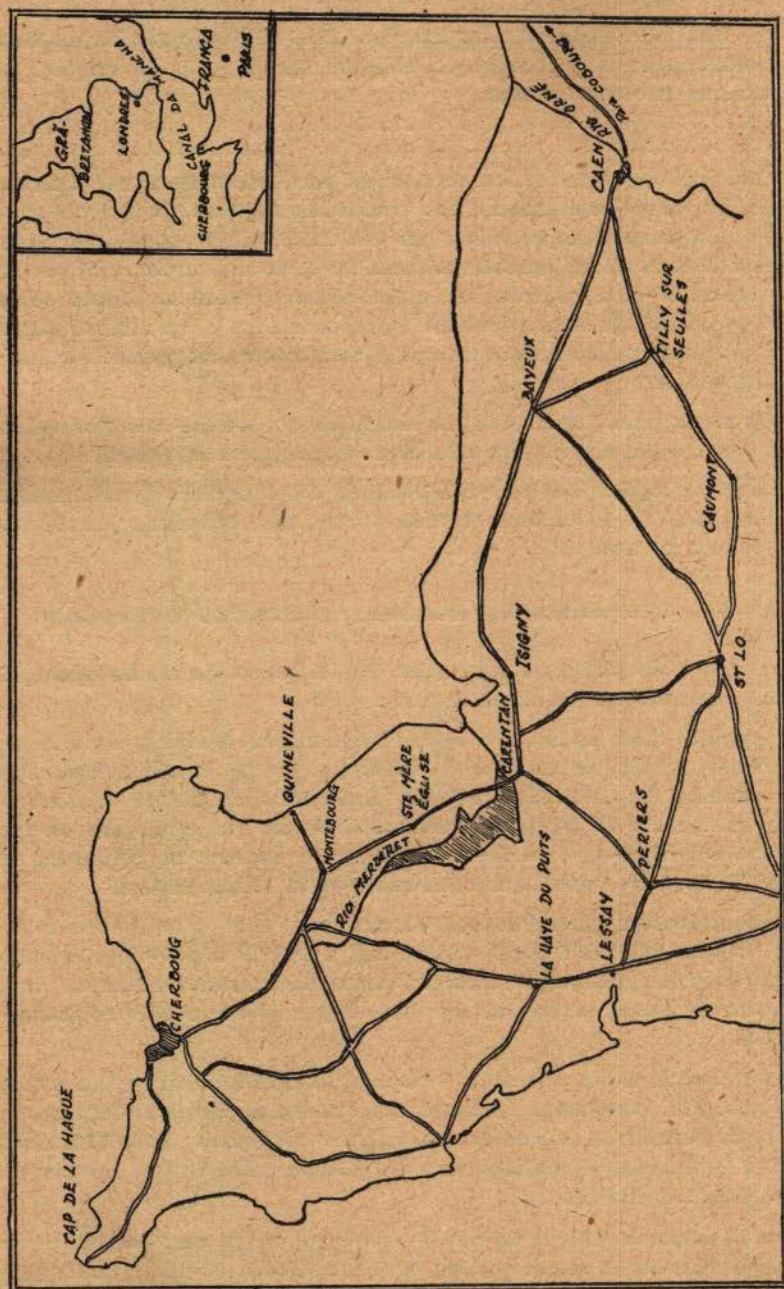


Fig 4 - OPERAÇÃO OVERLORD



NY, CARENTAN, Rio MERDERET, LE HOM, MONTEBOURG (exclusive), estrada MONTEBOURG-QUINEVILLE.

A 15 de junho o dispositivo compreendia dois Exércitos: o II Ex britânico (30º e 1º C Ex) e o I Ex americano (5º, 19º e 7º C Ex). A 17 de junho a PENÍNSULA DE CONTENTIN estava cortada no sentido W-E e atingido o litoral a NW de LA HAYE DU PUIT. Quarenta e oito horas depois o 7º Corpo mudava a direção de atuação para direção SUL—NORTE. Isto implicou em tornar operacional mais um Corpo, que fazia a cobertura da retaguarda do 7º, enquanto este atuava sobre CHERBOURG. Na noite de 26 de junho (D + 20), CAP DE LA HAGUE e CHERBOURG eram capturados pelo 7º Corpo.

No setor inglês, o perímetro da cabeça-de-praia permanecia inalterado.

Os Corpos-de-Exército se desdobravam de Este para Oeste na seguinte ordem: 1º e 30º C Ex (britânicos), 5º, 19º, 7º e 8º C Ex (norte-americanos).

Vencida a batalha da PENÍNSULA DE CONTENTIN, procurar-se-ia agora criar condições para iniciar a chamada Batalha da BRETANHA, que vitoriosa asseguraria aos aliados os portos de ST NAZAIRE, LORIENT e BREST (Fig. 5).

Sobre este signo, iniciou-se o mês de julho de 1944. Mas também iniciar-se-iam os desentendimentos e as querelas, que até hoje, de quando em vez, empanam o brilho das armas aliadas.

Vejamos: em meados de julho, aproximadamente um mês após o desembarque, enquanto as forças norte-americanas após consolidar a cabeça-de-praia, haviam limpado a PENÍNSULA DE CONTENTIN, os ingleses permaneciam aparentemente confinados na cabeça-de-praia. Isto obedecia evidentemente a um planejamento que buscava iludir os alemães a respeito de onde seria o esforço e assim proporcionar ao I Exército americano as facilidades necessárias à realização do esforço principal.

Topograficamente as praias inglesas de desembarque eram altamente indicadas para tal desiderato, já que a MURALHA DO ATLÂNTICO fôra montada com os olhos voltados para o PASSO DE CALAIS. Assim, após o desembarque, quando as reservas alemães acorriam para a frente de combate, CAEN, centro rodo-ferroviário na frente britânica, como se um ímã fôsse, atraía estas reservas, máxime porque, os alemães durante muito tempo não precisavam onde estava sendo feito o esforço aliado, MONTGOMERY teve principalmente o mérito de fixar grandes efetivos blindados.

Tais fatos não poderiam evidentemente ser revelados aos correspondentes de guerra e ficaram, portanto, desconhecidos da opinião pública. Esta, por sua vez, particularmente a britânica, sequiosa por uma "forra", exasperava-se de ver o seu herói preferido, impotente diante da resistência alemã.



E começaram as críticas ferinas. Até que ponto os Altos Chefes aliados se prestaram de joque a estas críticas?

A 13 de julho de 1945, o General EISENHOWER declarava em um relatório :

*"Não obstante a leste, fomos incapazes de avançar até o SENA (o grifo é nosso) e a concentração da maior força do inimigo no setor de CAEN impediu-nos de assennorearmo-nos do terreno daquela área de que tanto necessitávamos."*

Até que ponto estava este relatório sendo imparcial quando declarava: "fomos incapazes"

O General MONTGOMERY em suas Memórias, por repetidas vezes se refere ao assunto, denotando um certo amargor :

*"EISENHOWER aprovou nosso plano reformado para a OVERLORD..."*

E em outro trecho :

*"De maneira a fazer com que o leitor possa compreender totalmente o que mais tarde aconteceu na NORMANDIA, quero particularmente chamar atenção ao arcabouço fundamental do plano para o desenvolvimento das operações, uma vez que estivéssemos desembarcados e firmemente estabelecidos, pois que foi a incerteza sobre esse ponto que levaria mais tarde a encrencas.*

*Nossa intenção era assaltar, simultaneamente, praias na costa normanda, imediatamente ao Norte do estuário do CARENTAN e entre esse e o Rio ORNE, com o objetivo de assegurar como base para futuras operações, uma área de alojamento, que deveria incluir aeroportos e o porto de CHERBOURG. O flanco esquerdo ou de leste da área de alojamento teria de incluir o caminho central de CAEN..."*

*... É importante compreender que uma vez que tivéssemos ficado pé firmemente na NORMANDIA, meu plano consistia em ameaçar de romper pelo flanco esquerdo, isto é, no setor de CAEN. Prosseguindo sem descanso na consecução de tal ameaça, tinha a intenção de atrair as principais reservas inimigas, principalmente suas divisões motorizadas, para aquele setor e lá mantê-las..."*

E ainda mais adiante: — *"Foi deixada uma impressão que os britânicos e canadenses tinham falhado a leste (no setor CAEN) e que, por essa causa os americanos tiveram que tomar a si a tarefa de avançar por oeste. Esta reflexão sobre DEMPSEY e o Segundo Exército é uma indicação evidente de que EISENHOWER deixou de compreender o plano básico com o qual ele próprio alegremente concordara."*

E o General BRADLEY, cuja opinião nos parece insuspeita? É ele que nos conta :

*"Enquanto MONTGOMERY manter-se-ia no "pivot" em CAEN, tôda a linha aliada efetuaria uma conversão em direção a leste". E pros-*



segue: "EISENHOWER, MONTGOMERY e eu concordamos com o plano sem qualquer restrição, pois conseguia atingir, como nenhum outro, nossos dois objetivos iniciais na batalha da FRANÇA."

E ao relatar os pródromos da OPERAÇÃO COBRA:

"Poís a tarefa capital de MONTY era atrair o alemão para a frente inglesa, a fim de facilitar-nos a ocupação de CHERBOURG e a conquista de uma linha de partida para a "ruptura".

Nesta missão diversionária MONTY foi mais feliz, pois quanto mais pressionava sobre CAEN, mais tropa atraía para o seu setor."

E concluindo melancolicamente: "A intensa rivalidade que posteriormente estremeceu as relações entre os comandos ingleses e norte-americanos, pode-se assegurar que teve suas raízes psicológicas naquela missão passiva confiada aos britânicos na cabeça-de-praia."

#### 4 — OPERAÇÃO COBRA

A 25 de julho, a linha de contato estabelecida era: (Fig. 4) LES-SAY-PERIER-ST LO-CAUMONT-CAEN-COBOURG, tudo inclusive para os aliados. Iniciou-se então a OPERAÇÃO COBRA (NASA), com a qual se buscava uma ruptura no dispositivo defensivo alemão na NORMANDIA. Ao 7º C Ex americano na frente de ST LO, cabia a ação principal. Eram quatro Divisões de Infantaria, a 1ª, a 9ª, a 30ª e a 4ª e duas Divisões Blindadas, a 2ª e a 3ª, atuando numa frente de 4 km. A 31 de julho, a conquista de AVRANCHES materializou a ruptura.

A 1º de agosto de 1944, entrou em cena, irrompendo através do 8º Corpo, o III Exército do General PATTON, que ocupará até o fim da guerra, as manchetes dos jornais. É criado então o 12º Grupo-de-Exércitos, cujo comando é entregue ao General BRADLEY, permanecendo porém MONTY como comandante das Forças Terrestres do Teatro de Operações (FTTO).

Inflitem então os americanos sobre a BRETANHA, procurando assegurar os portos capazes de permitir o fluxo de suprimento indispensável às operações. A 7 de agosto, BREST (Fig. 5) estava sitiada. Nesta data, o VII Exército alemão desencadeia o contra-ataque MORTAIN-AVRANCHES (Fig. 5), procurando tamponar a brecha, o que conseguido implicaria em isolar doze divisões americanas que já se encontravam na BRETANHA. Felizmente a operação fracassou e o VII Exército alemão ficou praticamente destruído.

A 15 de agosto, contrariando o ponto de vista inglês, os aliados realizaram outra operação de desembarque, não nos BÂLCAS, como desejava o Senhor CHURCHILL, mas a SW de CANNES, na região de MARSELHA-TOULON. Criava-se assim o 6º Grupo-de-Exércitos, ao comando do General norte-americano JACOR L. DEVERS.



A 21 de agosto, a linha do Rio SENA é atingida. A 25 de agosto PARIS é libertada. A 31 de agosto, o General EISENHOWER, cumulativamente com a chefia do SHAEF (\*), assume o comando das FTTO.

No início de setembro, o dispositivo era: 21º Grupo, ao comando do Marechal MONTGOMERY, enquadrando o I Ex Cnd e o II Ex Br; 12º Grupo, ao comando do General BRADLEY, enquadrando os I, III e IX Exércitos americanos; o 6º Grupo, ao comando do general DEVERS, enquadrando o I Exército francês e o VII Exército norte-americano.

#### — O Comando das Forças Terrestres

A nomeação do General EISENHOWER, a 31 de agosto, para comandante das FTTO, cumulativamente com a chefia do SHAEF, originou uma polêmica que se arrasta até os nossos dias, polêmica que procrastinou o fim da guerra, aumentando assim o número de vidas imoladas.

Em suas Memórias, o Marechal MONTGOMERY inclui um capítulo intitulado: "O fim da guerra na Europa. O problema do Comando". E assim começa este capítulo: "Deve estar evidente para o leitor que, a partir de 1º de setembro de 1944, não estive satisfeito no tocante à organização para comando ou controle das Operações."

Desde que se delineou o término da chamada "campanha da Normandia" que, como não podia deixar de ser, os aliados iniciaram o planejamento da atuação a partir do SENA. Daí em diante, é exaustiva na correspondência do General inglês, até então no comando das FTTO, a alusão de que semelhante comando seria tarefa para um homem que a exercesse dentro da Zona de Combate e o fizesse de maneira exclusiva, isto é, sem ter que atender a considerações de outra natureza, além das de natureza militar.

Relata-nos MONTY a conferência que teve com IKE no dia 23 de agosto de 1944. Vários assuntos atinentes ao prosseguimento das operações foram discutidos, a sós, pelos dois chefes militares. E mais uma vez vamos transcrever o militar inglês, para não correr o risco de deformar-lhe o pensamento:

"Também lhe disse que como Comandante supremo, não deveria imiscuir-se na batalha terrestre e tornar-se um comandante-chefe em terra. O Comandante supremo deveria colocar-se numa situação bem superior, a fim de ter uma visão destacada de todo o intrincado problema — que envolve terra, mar, ar, controle civil, problemas políticos etc. Alguém deveria tomar conta, por ele, da batalha terrestre. Tínhamos obtido uma grande vitória na Normandia por causa do controle unificado em terra e não apesar dele. Disse que tal ponto era tão importante que, se a opinião pública americana nele se envolvesse, ele poderia deixar que BRADLEY controlasse a batalha: serviria sob

(\*) (Inpreme Headquarters of American Expeditionaire Force)



suas ordens com satisfação. A sugestão teve como resultado uma pronta repulsa de sua parte quanto à intenção de fazer algo nesse sentido."

A 16 de dezembro deste mesmo ano o Exército alemão desencadeia o contra-ataque das ARDENAS, a que mais tarde nos referiremos; no dia 20, o General MONTGOMERY assume o comando das forças ao norte da penetração, o que quis dizer: assumiu o comando dos I e IX Exércitos norte-americanos.

A 16 de janeiro a batalha estava terminada e o Exército alemão ferido mortalmente.

A 7 deste mês (janeiro), MONTGOMERY reuniu os correspondentes de guerra em entrevista coletiva. Esta entrevista, que no dizer do entrevistado tinha a finalidade de exaltar e aprimorar a cooperação dos aliados, deu lugar às mais diversas interpretações e causou o mais profundo ressentimento no comando do 12º Grupo-de-Exércitos norte-americano.

O assunto ainda mereceu de MONTY, outro capítulo em suas Memórias: "Alguns pensamentos sobre o alto-comando em guerra". E nêle mais uma vez se refere de maneira crítica ao comando das operações na EUROPA, após a BATALHA DA NORMANDIA: "Na campanha do Noroeste da EUROPA, a organização trabalhou bem no princípio e com isto vencemos uma das maiores batalhas dos tempos modernos — a da NORMANDIA. A seguir tudo se alterou e desapareceu o comando brando e eficiente, como já vimos."

Vejamos agora como o General BRADLEY se refere a estes fatos. Quando narra a assunção do comando das FTO por IKE, expande as seguintes considerações: "Apesar de tudo, a notícia causou instantaneamente um alvoroço na Inglaterra, onde o nivelamento de comando com o 21º Grupo-de-Exércitos de MONTY era considerado por alguns uma afronta deliberada ao herói inglês da guerra. Desconhecendo o acôrdo já firmado inicialmente no planejamento da OVERLORD, acerca do nivelamento anglo-americano no comando dos Grupos-de-Exércitos, a imprensa britânica afirmou que MONTGOMERY fôra enganado..." e mais adiante, no mesmo texto: "... Por mais que nos mantivéssemos alheios à celeuma provocada pela imprensa inglesa, intrigava-me a razão por que MONTY não sufocou o caso. Teria sido fácil esclarecer aos jornalistas ingleses, mediante uma explicação oficial sobre a questão do comando terrestre. Ao risco de ser injusto para com MONTY, só podia concluir que ele não desejava fazer tal coisa..."

E ainda no mesmo capítulo: "Durante a campanha do inverno EISENHOWER ficou admirado ao saber que MONTGOMERY aspirava o comando geral das forças terrestres aliadas. Ao mesmo tempo, MONTY não desejava abandonar o comando do seu Grupo-de-Exércitos, ainda que assumisse a chefia dos Exércitos do SHAEF. Queria conservar o 21º Grupo-de-Exército e exercer cumulativamente a função de comandante-chefe das forças de terra."



— *O ataque à fortaleza germânica*

Tratava-se agora de avançar sobre a ALEMANHA, no dispositivo mais conveniente. Dois foram propostos, um pelos ingleses e outro pelos americanos e finalmente adotado um terceiro determinado pelo comandante das FTTO. Em torno desta divergência surgiu uma constelação de acusações e desacertos. Dentre estes, avultam os incidentes relativos à Operação MARKET GARDEN, a conquista do Porto de ANTUERPIA, o contra-ataque das ARDENAS e a ocupação de BERLIM.

A 20 de agosto, antes mesmo da queda de PARIS, EISENHOWER deu as primeiras determinações para o prosseguimento em direção a leste.

Para o comandante do 21º Grupo-de-Exércitos, o dispositivo deveria compreender três Exércitos atuando em frente estreita, junto ao litoral e na direção do RUHR e de BERLIM (Fig. 5).

Não se conformando o general inglês, com as determinações de EISENHOWER, provocou o encontro de 23 de agosto, a que já nos referimos.

Vamos voltar ainda a este encontro, valendo-nos do testemunho de MONTGOMERY: — “Disse-lhe que, se ele adotasse a estratégia de uma ampla frente, com toda a linha em avanço e com todos combatendo todo o tempo, o avanço se enfraqueceria inevitavelmente e os alemães teriam tempo para recuperar-se. A guerra continuaria por todo o inverno e avançaria pelo ano de 1945.”

E, diz o narrador, como o militar norte-americano argumentasse que o plano proposto feriria a opinião pública nos ESTADOS UNIDOS, redarguiu-lhe então:

— “Como é que a opinião pública nos poderia fazer tomar decisões militares que eram de todo impróprias”;

No dia 4 de setembro, o comandante do 21º Grupo voltou ao assunto numa mensagem, dizendo entre outras coisas:

— “Não temos recursos de manutenção suficientes para dois avanços decisivos”;

— “O ataque escolhido deve ter todos os recursos de manutenção à sua disposição, sem quaisquer qualificações.”

— “Há somente dois avanços possíveis: um via RUHR e outro, via METZ e SARRE.”

E como o comandante das FTTO não cedesse e as bombas V-2 comesçassem a atingir LONDRES, o memorialista continuou:

“Quanto mais considerava o que estávamos para fazer, mais certo ficava de que isto estava errado. A economia e as forças humanas da Grã-Bretanha pediam a vitória em 1944, não mais tarde. Também



a guerra estava pesando duramente sobre a massa do povo britânico; deveria ser terminada rapidamente. Nosso "dever" era diferente do dever americano: uma diferença na urgência, tanto quanto doutrinária. Os generais americanos não compreendiam isto: a guerra jamais fôra levada até o seu torrão natal. Por que deveríamos atirar tudo fora, devido à opinião pública americana e as próximas eleições americanas?..."

E ainda "para adotar meu plano, ele deveria parar o homem com a bola: PATTON e o seu Terceiro Exército". E arremata: "Nós não avançamos até o RENO numa frente ampla; avançamos até o RENO em diversas frentes que estavam sem coordenação".

E qual foi a proposta norte-americana? Para o General BRADLEY, o esforço devia ser feito pelo 12º Grupo-de-Exércitos atuando na direção de FRANKFURT (Fig. 5), para cortar a ALEMANHA em duas partes, podendo, caso recebesse a missão, apossar-se de BERLIM.

É BRADLEY quem diz: "a principal vantagem do plano norte-americano, com o seu centro de gravidade sobre FRANKFURT, consistia na penetração direta ao coração da ALEMANHA, através da zona indefesa que se estendia adiante do III Exército."

Ao comentar o plano inglês, o general americano reconhece, porém, que ele apresentava três aspectos significativos:

- 1º) a pronta ocupação de ANTUÉRPIA e dos portos do canal, indispensáveis ao prosseguimento das operações;
- 2º) a ocupação dos aeródromos belgas, possibilitando o emprêgo dos caças de pequeno raio para apoiar os bombardeiros pesados nas incursões diurnas;
- 3º) a posse das regiões de lançamento da V-2.

Todavia, paradoxalmente, conclui: "ao propor a EISENHOWER que empregasse todos os seus recursos neste esforço principal, MONTGOMERY sugeria que IKE estacionasse o III Exército na altura do MOSA, deixando que PATTON se mantivesse ali enquanto ele progredia em direção a BERLIM. Esta proposta recordava o procedimento tático de MONTGOMERY na Campanha da SICÍLIA, quando propôs que as tropas norte-americanas permanecessem na defensiva, enquanto ele, sozinho, continuava seu avanço até MESINA."

A 22 de setembro de 1944, EISENHOWER tomou a decisão que teria sido definitiva, se outros fatores não tivessem surgido, entre estes, inclusive, uma certa indisciplina do Comandante do III Exército norte-americano, o General GEORGE S. PATTON. A decisão foi:

- "Avançar ao longo de toda a frente, com esforço ao Norte."
- ANTUÉRPIA



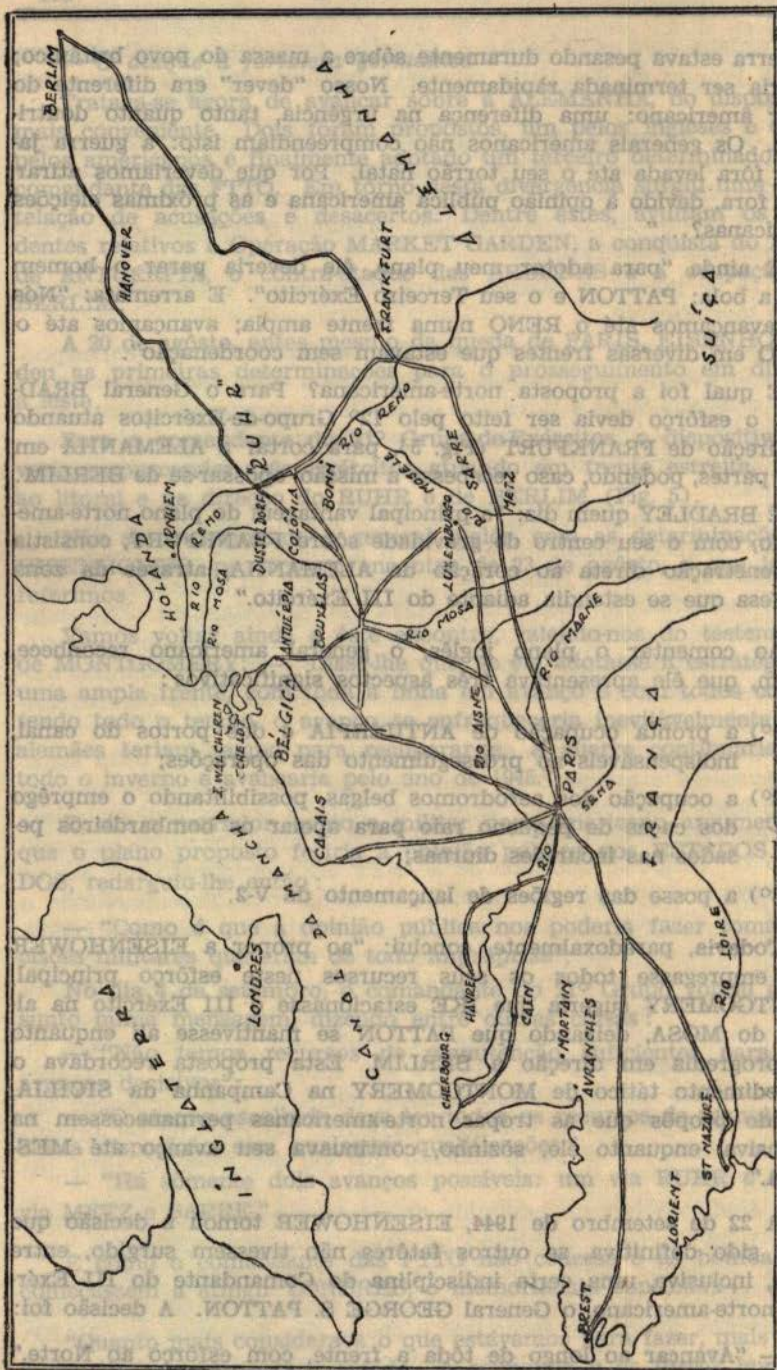


Fig. 5 - O ataque à fortaleza germânica



A medida que os exércitos aliados se adiantavam pela EUROPA, os problemas logísticos se agravavam, tornando custoso assegurar o fluxo de suprimento necessário a um número cada vez mais crescente de unidades de tropa e de serviços e ainda capaz de socorrer a população civil, com seus celeiros praticamente vazios. Por isto, os portos cresciam de importância.

Embora desde a primeira quinzena de agosto, a PENÍNSULA DA BREITÂNHA estivesse praticamente dominada, as guarnições dos portos ofereciam tenaz resistência. BREST rendeu-se a 22 de setembro, praticamente um mês após a rendição de PARIS, ao passo que LORIENT e ST NAZAIRE resistiram até o fim da guerra. O oleoduto construído sob a MANCHA obviou o problema, mas não o resolveu. Urgia portanto a conquista dos portos dos países baixos. Daí a crescente importância da Região de ANTUÉRIA.

A 22 de setembro de 1944, EISENHOWER realiza uma reunião no QG de VERSALHES. Nesta reunião deveria ficar assentada em "pedra e cal", a maneira de prosseguir para leste do RENO. A esta reunião de EM, como já de costume, MONTY não compareceu, alegando que não poderia se afastar da frente.

Relatando esta reunião, entre outros aspectos, o General BRADLEY faz constar em suas Memórias: "IKE salientara a necessidade de um porto de maior calado nos seguintes termos — um indispensável requisito prévio para a investida final através da ALEMANHA. A despeito destas apreensões, EISENHOWER não ordenou a MONTY que limpasse o SCHELDT antes de empreender qualquer ofensiva de maior envergadura."

Esta não é porém a única referência do general americano ao assunto em suas Memórias. Ao comentar as medidas postas em prática por RUNDSTEDT ao reassumir o comando da frente ocidental, entre as quais avultavam as que impedissem a utilização do PORTO DE ANTUÉRIA, que embora já em poder dos aliados, não tinha condições de utilização, assim se expressa: "MONTY se deteve para examinar esta posição em outubro (Ilha WALCHEREN) e concluiu que sua missão ultrapassava os meios. Para evitar um demasiado alongamento de sua frente, concordou em abandonar indefinidamente sua ofensiva sobre o RUHR, até que limpasse primeiro o SCHELDT e conquistasse o PORTO DE ANTUÉRIA."

E prossegue com uma coerência algo discutível: "Se MONTY tivesse limpo imediatamente o SCHELDT (o imediatamente aí se refere possivelmente ao dia 22 de setembro, data da reunião de VERSALHES — nota do comentarista) em lugar de querer em vão chegar a BERLIM, poderíamos agora descarregar suprimento naquele porto belga. Dera-se o contrário; o comandante inglês gastara um mês e agora tínhamos de esperar mais outro, até que o primeiro comboio pudesse passar..."



"... Apenas a 26 de novembro aquela passagem vital para os navios aliados estaria aberta." E concluiu com melancolia: "Na verdade, de tudo o que poderia ter ocorrido na campanha européia, nada foi mais torturante do que o fracasso de MONTY em ANTUÉRIA."

E como MONTGOMERY analisa estes mesmos fatos? Vejamos:

A nove de outubro, conta o general inglês, recebi uma mensagem de EISENHOWER, que dizia:

"— A menos que tenhamos ANTUÉRIA a produzir por volta dos meados de novembro, tôdas as operações chegarão a ser paralisadas.

Devo salientar que de tôdas as nossas operações em todo o nosso front, da SUÍÇA ao canal, considero ANTUÉRIA de primeira importância."

E acrescenta: "Tratava-se de fundamental mudança em relação à mensagem do dia anterior, na qual a primeira missão a ambos os Grupos de Exércitos tinha sido dada como "alcançar a linha do RENO, ao norte de BONN, o mais cedo quanto humanamente possível."

Mais adiante afirma porém: "Em 3 de novembro, informei EISENHOWER:

"Devo relatar-lhe que as vizinhanças de ANTUÉRIA e o estuário do ESCALDA estão agora completamente livres da interferência inimiga... O emprêgo pleno e livre do PORTO DE ANTUÉRIA é agora um assunto naval."

E em outro trecho: "Alguns têm argumentado que eu ignorava as ordens de EISENHOWER para dar prioridade à abertura do PORTO DE ANTUÉRIA e que não deveria ter tentado a Operação ARNHEM até que aquilo fôsse feito. Não é verdade. Não houve tais ordens a respeito de ANTUÉRIA e EISENHOWER tinha concordado a respeito de ARNHEM. De fato, até oito de outubro de 1944, inclusive, minhas ordens eram alcançar a linha do RENO, "tão rapidamente quanto humanamente possível". Em nove de outubro, foi dada prioridade a ANTUÉRIA pela primeira vez."

E num comentário, como se quisesse de vez por tôdas encerrar o assunto: "O meio mais rápido para terminar a guerra com a ALEMANHA não era somente o ter livre o uso de ANTUÉRIA, como alguns tinham alegado. Era a ação rápida no mês de agosto, empregando o sucesso conseguido na NORMANDIA como uma catapulta para um golpe rijo, que acabaria com os alemães e, ao mesmo tempo, nos daria os portos de que precisávamos no flanco norte."

#### — A OPERAÇÃO MARKET-GARDEN

No início de setembro de 1944, MONTGOMERY concebeu uma das manobras mais audaciosas, ou talvez mesmo a mais audiciosa



manobra da chamada II Guerra Mundial. Tentar-se-ia desbordar a Linha SIEGFRIED envolvendo verticalmente o MOSA, o RENO e uma série de canais que se apresentavam transversalmente à direção geral do movimento. (Fig. 6). A 101ª Divisão Pára-quedista americana estabeleceria a cabeça-de-ponte ao norte de EINDHOVEN; ao norte do MOSA, a 82ª Divisão Pára-quedista apossar-se-ia de NIJMEGEN e finalmente ao norte do RENO a 1ª Divisão Pára-quedista britânica faria o mesmo em ARNHEM. Caberia à Divisão Blindada de Guarda, fazer a junção entre as três cabeças-de-ponte. A 17 de setembro o ataque foi desencadeado e a vinte a Divisão Blindada atingira NIJMEGEN. Daí em diante não mais conseguiu prosseguir. No dia 25 de setembro, eram acolhidos 2.500 remanescentes da Divisão Pára-quedista britânica. Era o que restava de 9.000 homens que haviam saltado no dia dezessete.

Analisando esta operação, bela em múltiplos sentidos — audácia de concepção e execução, aliadas a um estoicismo sem par — assim se expressaram os dois comandantes de Grupos-de-Exércitos. Contamos OMAR BRADLEY:

"Tivesse o religioso e abstêmio MONTGOMERY entrado no SHAEF cambaleando de uma ressaca, o meu espanto não teria sido maior do que me produziu a ousada aventura proposta." E prossegue: "Tão logo tive notícia do plano de MONTY, telefonei a IKE e exaustivamente apresentei-lhe minhas objeções. Ao abandonar a ofensiva conjunta que projetáramos, os ingleses iam afastar-se na tangente deixando-nos tôda a sobrecarga."

"Levado pela apreensão de que IKE cedesse aos constantes pedidos de tropa que MONTY lhe fazia, mantinha-me firme no propósito de que as tropas norte-americanas fôsem mantidas subordinadas aos comandos nossos.

Minha oposição à operação de ARNHEM, entretanto, não era exclusivamente motivada pela direção divergente do esforço britânico. Temia também que MONTY, na ânsia de desbordar o flanco de MODEL, pudesse ter subestimado as possibilidades alemãs no baixo RENO."

Mais adiante: "Posteriormente, MONTY atribuiu o fracasso de ARNHEM ao mau tempo; e, certamente, cabia ao mau tempo parte da culpa."

MONTGOMERY, que planejara e executara a operação, assim se expressa:

"Em nossa movimentação no flanco norte, a fim de apoderarmos-nos do RUHR, de acôrdo com as ordens de EISENHOWER, depa-ramos com dois grandes obstáculos fluviais — o MEUSE e o RENO. Qualquer que fôsse a rota que tomássemos haveria obstáculos adicionais em forma de grandes canais.



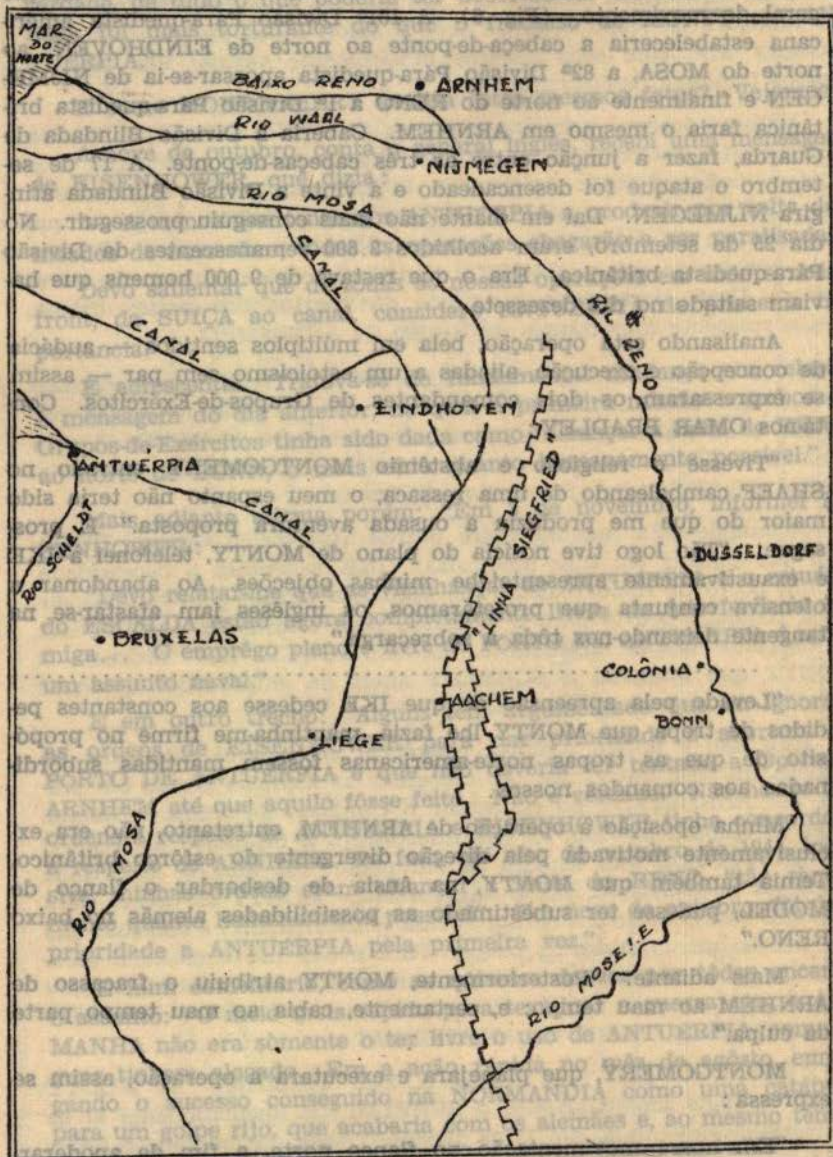


Fig. 6 - Operação MARKET-GARDEN



Meu plano consistia em avançar duramente para o RENO através de todos esses obstáculos e capturar uma cabeça-de-ponte além do RENO, antes que o inimigo pudesse reorganizar-se suficientemente a fim de deter-nos."

E descrevendo a reação do comandante do 12º Grupo-de-Exércitos diante do Plano:

"... na ocasião em que ouviu falar dêle, tentou conseguir cancelá-lo, de medo que se abrissem possibilidades no flanco norte e de que eu pudesse, então, pedir que fôsem colocadas tropas americanas sob meu comando"...

E ao apresentar as razões pelas quais êle achava que não conseguira *completo sucesso*, relaciona:

- o fato de não haver o Quartel-General Supremo dado à operação a importância a qual ela realmente fazia jus.
- o erro de lançamento da tropa em ARNHEM, que não pudera assim, de pronto, apossar-se de determinados acidentes capitais.
- as condições meteorológicas impedindo o apoio eficaz às divisões pára-quedistas.
- o erro de avaliação da capacidade combativa do 2º Corpo Panzer alemão (considerado sem capacidade combativa).

E conclusivo:

"... se a operação tivesse sido adequadamente apoiada desde seu princípio e houvessem sido concedidas aeronaves, forças de terra e recursos administrativos necessários, a tarefa teria tido bom resultado, a despeito de meus erros ou do tempo adverso ou da presença do 2º Corpo Panzer na região de ARNHEM".

Não nos podemos aqui furtar, embora extravase os limites dêste desprezencioso trabalho, de transcrever uma apreciação do General BRADLEY. Mais do que um elogio ao soldado britânico é uma análise muito agradável ao nosso coração de soldado, do dever bem cumprido, qualquer que seja o resultado alcançado:

"Na adversidade há uma qualidade que revela tudo que existe de mais nobre no valor inglês, eis porque uma legenda heróica e relembrada ainda muito tempo depois de esquecida a derrota."

#### A CONTRA-OFENSIVA DAS ARDENAS

Em dezembro de 1944, as forças aliadas se estendiam na EUROPA, numa frente de 800 km (Fig. 7), da SUÍÇA ao MAR DO NORTE. O contato estava estabelecido ao longo da fronteira alemã, materializado pela linha SIEGFRIED, prolongada pelo Rio WAAL.



O sul do dispositivo estava entregue ao 6º Grupo-de-Exércitos, composto pelo I Exército francês e VII Exército norte-americano. O 6º Grupo ligava-se ao 12º Grupo ao sul de SAAR-BRUCKEN.

O 12º Grupo enquadrava do sul para o norte, o III Exército de PATTON, o I Exército de HODGES e o IX Exército de SIMPSON.

O III Exército que fazia a ligação com o 6º Grupo se estendia até a fronteira do LUXEMBURGO, numa extensão de 160 km. Enquadrava dois Corpos, num total de 10 Divisões.

O I Exército tinha uma responsabilidade de 184 km de frente, mas as quatorze divisões que enquadrava estavam desequilibradamente distribuídas pelos Corpos. Ao sul do dispositivo do I Exército, estava o 8º Corpo, a quem estava entregue a responsabilidade de uma frente de 120 km, considerada passiva: ARDENAS.

O 8º Corpo enquadrava do sul para o norte, a 4ª DI, a 9ª DB, a 28ª e a 106ª DI.

Ao norte do 8º Corpo estava o 5º Corpo e ao norte deste, o 7º Corpo. Eram dez divisões numa frente de 60 km, do LUXEMBURGO a AACHEN.

O IX Exército guarnecia 30 km de frente, com sete divisões.

Dai para o norte estavam as quinze divisões inglesas enquadradas pelo 21º Grupo-de-Exércitos.

Aprestavam-se os aliados para com o 5º Corpo conquistar as represas do ROER, verdadeira arma defensiva nas mãos do comando alemão. Acreditavam que os alemães contra-atacassem, de vez que agora tratava-se de defender a própria ALEMANHA. Corroborava esta previsão a presença do VI Exército Panzer SS em zona de reunião. Imaginavam, porém, que o adversário realizaria um contra-ataque (objetivos limitados) para restabelecer o cordão defensivo da Linha SIEGFRIED entre ROERMOND e SCHLEIDEN.

Outros importantes indícios vinham sendo observados. As bombas V1 e V2 estavam sendo usadas, já mesmo no campo tático, em ataques contra ANTUÉRPIA e LIÈGE. Os alemães estavam apresentando no campo de batalha os primeiros caças a jato e finalmente o Comando Aliado tomara conhecimento da Operação GREIF. O que vinha a ser esta operação? O Comando Alemão constituiria uma Unidade Especial para reconhecimento e missões especiais. Os seus componentes seriam voluntários do mais apurado perfil físico (A1), falando inglês com sotaque americano, fardados e equipados com material norte-americano.

Às 5 horas da manhã do dia 16 de dezembro de 1944, aproveitando-se de condições meteorológicas que impediam o emprêgo da arma aérea, o GRUPO-DE-EXÉRCITOS B atacou na frente das ARDENAS para conquistar ANTUÉRPIA e isolar o 21º Grupo-de-Exércitos britânico e os IX e I Exércitos norte-americanos.



Participavam da operação três Exércitos alemães :

- VI Exército *Panzer SS*, realizando o esforço na direção LIEGE-ANTUERPIA;
- V Exército *Panzer*, atuando na direção DINANT—NAMUR—BRUXELAS—ANTUERPIA;
- VII Exército, devendo cobrir o flanco S-SW da penetração, mesmo defensivamente.

Num segundo tempo, estava prevista uma ação de cobertura.

No dia 18, consumara-se a ruptura da frente americana, mas o VI Exército *Panzer SS* (o do esforço) não alcançara ST VITH. A 19, o V Exército *Panzer* ultrapassara BASTOGNE, mas encontrando uma desesperada resistência por parte da 101ª Div Pqdt, não conseguiu se apossar da localidade. Nesta data, PATTON modifica sua direção de atuação, buscando estabelecer contato com os elementos cercados em BASTOGNE.

Ao meio dia de 20 de dezembro de 1944, o General EISENHOWER determinou ao General MONTGOMERY que assumisse o comando de todas as forças aliadas ao norte da Penetração. Desta forma, o 21º Grupo-de-Exércitos britânico, assumiu o comando dos IX e I Exércitos norte-americanos.

A 21, o VI Exército *Panzer SS* conquistou finalmente ST VITH.

A 23, o tempo melhorou, permitindo o aparecimento da Força Aérea aliada.

A 26, a penetração atingiu o máximo na direção do MOSA, com o V Exército *Panzer* atingindo os arredores de DINANT. Mas neste dia, em fim de jornada, o III Exército conseguiu romper o cerco de BASTOGNE.

Dai por diante, os alemães passaram de atacante a atacados.

A 3 de janeiro de 1945, finalmente, MONTY atacou...

A 13 de janeiro, os russos iniciaram uma grande ofensiva na frente leste, o que motivou a retirada apressada do VI Exército *Panzer SS* das ARDENAS.

A 16 de janeiro, a situação estava de tal modo conjurada que o I Exército voltou ao comando do 12º Grupo-de-Exércitos.

A 25 de janeiro o Grupo-de-Exércitos B iniciou uma ação retardadora.

Terminava assim a última importante batalha da II Grande Guerra; custara 80.000 baixas aos americanos e retardaria de seis semanas a ofensiva final para além do RENO.

Para os alemães, uma tentativa tão superior às possibilidades existentes resultou, na opinião do General HASSO VON MANTEUFEL que tão brilhantemente comandou o V Exército *Panzer* na ação,



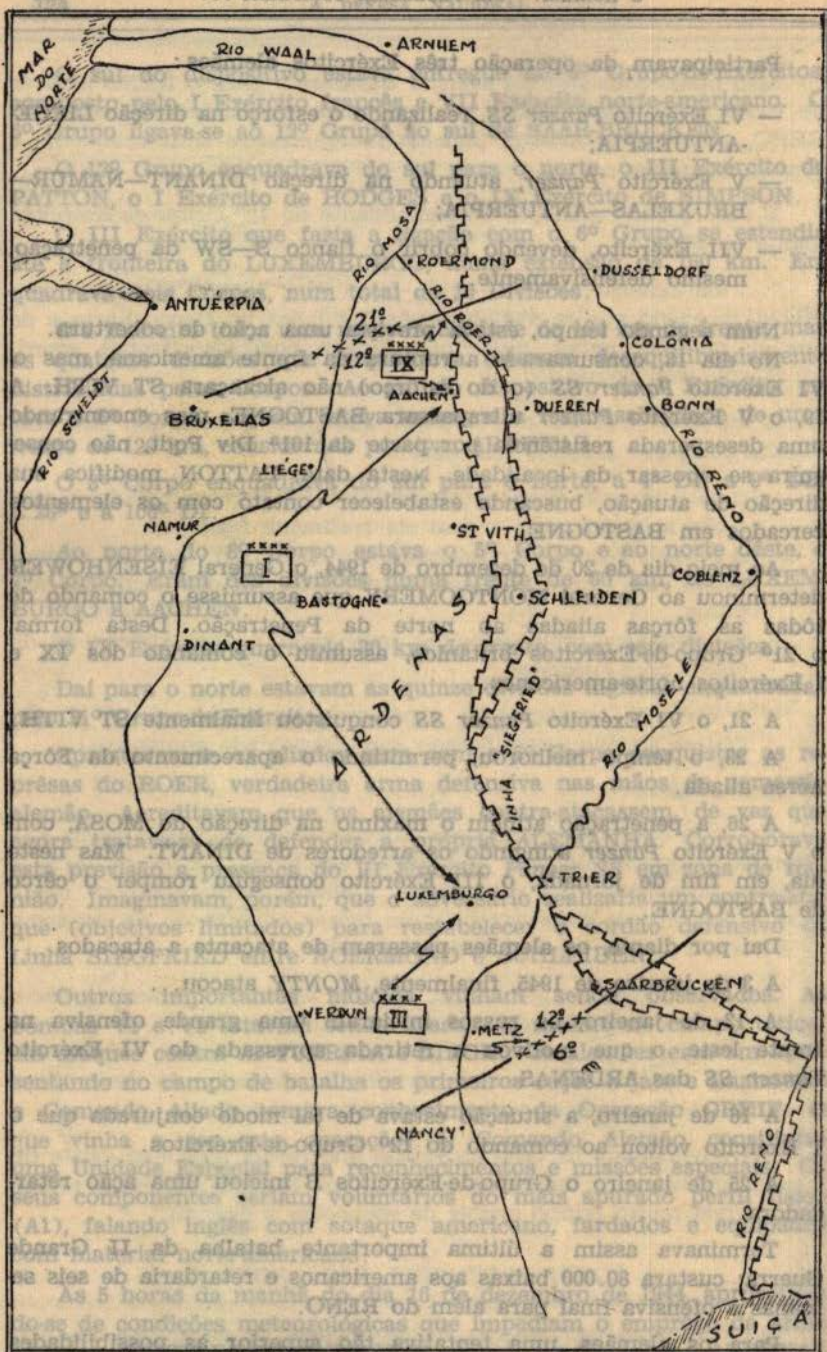


Fig. 7- O contra-ataque das ARDENAS



que, "as últimas reservas alemães sofreram tais perdas, que se tornaram incapazes de influir na situação, tanto na Frente Ocidental, como na Oriental".

A contra-ofensiva das ARDENAS marcou profundamente as relações entre os aliados. Dois aspectos eram frequentemente ventilados e o foram por muitos anos, após o término da guerra. O primeiro foi o fato de que os alemães obtiveram incontestável surpresa tática e o segundo prendia-se às mudanças realizadas no alto comando aliado durante a crise.

Mais uma vez vamos nos valer dos dois memorialistas diretamente interessados nos fatos e que foram exaustivos em argumentação para justificar os pontos de vista esposados. Vamos pinçar alguns destes argumentos, tentando caracterizar sinteticamente as opiniões. Começaremos com o General BRADLEY, então comandante do 12º Grupo-de-Exércitos, que enquadrava os IX, I e III Exércitos norte-americanos. Na frente do I Exército se deu a penetração que por pouco não atingiu o MOSA e que obrigou os IX e I Exércitos passarem ao comando do 21º Grupo-de-Exércitos britânico.

Ao esboçar a defesa das medidas que pôs então em prática naquele remoto dezembro de 1944, deixando uma vasta frente que, topograficamente se apresentava como passiva, mas que já fôra teatro de uma recente invasão, deixando, repetimos, uma vasta frente entregue a quatro divisões, êle inicialmente se defende das acusações do I Exército, que procurou justificar-se alegando que o Grupo-de-Exércitos fôra displicente ao avaliar os informes recebidos.

Êle nos conta em suas Memórias: "Como para compensar a vergonha que experimentou o I Exército, quando teve de evacuar seu PC de SPA, durante a batalha do "Bolsão", o Estado-Maior desta grande unidade extraiu dos seus arquivos, depois dos acontecimentos, documentos tendentes a "provar" que fôra clarividente ao predizer a ofensiva alemã, mas que suas "previsões" não foram acolhidas pelos escalões superiores — insinuando o Grupo-de-Exércitos. O que o I Exército sustenta é puro disparate, porque êle mesmo achava-se tão cego por VON RUNDSTEDT, como o resto dos comandos aliados. Ao mesmo tempo que aceito a responsabilidade pelo "risco previsto" nas ARDENAS, não admito que tenha havido advertência significativas as quais tenha preferido ignorar."

E prossegue relatando que visitara o Comandante do I Exército cinco dias antes da contra-ofensiva e que êste não se mostrava ciente "que o desastre o esperava na curva da esquina". Diz em seguida que recebeu uma série de informes que demonstraram atividade inusitada na frente do 8º Corpo e afirma textualmente:

"Se o I Exército tinha conhecimento do que o inimigo preparava, como alguns membros de seu EM alegavam agora, o Exército não estava em seu juízo perfeito, pois a 15 de dezembro o seu G2 sumariava a situação dêste modo:

16 de dezembro, quando o inimigo iniciou a preparação de artilharia."



— Apesar de o inimigo estar recorrendo à sua propaganda de ataque para levantar o moral de suas tropas, é possível que efetue uma ofensiva em escala limitada, com o propósito de lograr uma vitória moral no Natal para a população civil. Muitos prisioneiros de guerra falam de um ataque próximo, entre 17 e 25 de dezembro, enquanto se referem à promessa da recaptura de AACHEN como um presente de Natal para o Fuehrer.”

Mas não se preocupa BRADLEY em rebater apenas as afirmativas do I Exército. Cuida também em rebater as assertivas inglesas e o faz transcrevendo textos que diz serem ingleses:

“A apreciação de MONTGOMERY sobre as possibilidades ofensivas do adversário, publicadas pelo 21º Grupo-de-Exércitos a 16 de dezembro, é um exemplo típico do ponto de vista aliado nesta ocasião. Se eu nesse mesmo dia tivesse redigido minhas opiniões, não teria trocado sequer uma das palavras de MONTY, pois seu pensamento era idêntico ao meu:

— O inimigo no presente está lutando numa campanha defensiva em tôdas as frentes; sua situação é tal que não pode empreender operações de vulto...”

Na maioria das vezes, BRADLEY assume a total responsabilidade pelo estado de coisas então reinante embora procure mostrar sua atitude como consequência de um “risco calculado” que deliberadamente buscava assumir.

Ao reportar-se a meados de novembro, êle diz: — “Ao estudar as possibilidades de VON RUNDSTEDT, pensamos que qualquer contra-ofensiva que planejasse, devia necessariamente ser dirigida contra um objetivo limitado, onde pudesse melhor enfraquecer nosso ameaçador avanço sobre o RENO...”

Em outro ponto, assim se expressa o Cmt do 12º Grupo-de-Exércitos: — “Quando surpreendido pela repentina ofensiva de VON RUNDSTEDT, mais surpreso fiquei de haver êle escolhido um objetivo que oferecia poucas vantagens.”

Mais adiante, relatando o reconhecimento no terreno que fizera com TROY MIDDLETON, comandante do 8º Corpo, ao qual estava afeto o setor das ARDENAS, êle diz:

“Quando interroguei TROY quais eram suas probabilidades contra um ataque que o inimigo levasse a cabo nesta zona tão pouco atraente, mostrou-me o terreno ondulado e sujo e percorreu-o comigo de automóvel, pelas estreitas estradas asfaltadas que serpenteavam através de suas posições.

— Se vierem por aqui, disse-me, podemos recuar e efetuar uma ação retardadora até o MOSA. Certamente ser-nos-á possível retardá-los o suficiente para que vocês possam atacá-los pelos flancos.”



E conta-nos também o encontro que teve posteriormente com EISENHOWER, quando lhe foi relatar o reconhecimento a que acima nos referimos :

“Nesta ocasião disse-lhe :

— Porque mesmo que os alemães conseguissem penetrar até o MOSA, não encontrariam nas ARDENAS absolutamente nada que valesse a pena.”

E adiante :

“Ao aceitar o risco de uma penetração inimiga na região mencionada, contávamos com a velocidade que nos permitiria lançar êste potencial blindado contra os flancos do invasor. Enquanto MIDDLETON diminuía o impulso inimigo com uma ação retardadora, os Exércitos de HODGES e PATTON comprimiriam o atacante por um movimento de pinça.”

Contudo, ao se reportar aos interrogatórios realizados no após guerra, narra: “— nos inteiramos quanto grosseiramente subestimáramos as intenções do inimigo, ao pensar que aquela operação visava apenas obrigar-nos a deter o avanço de PATTON.

A contra-ofensiva alemã fôra preparada como um golpe decisivo tendente a reconquistar iniciativa no oeste e não como uma ação táctica com objetivo limitado à moda de antídoto contra o avanço de PATTON no SARRE. ANTUÉRPIA seria o objetivo principal, pois o inimigo raciocinava que, se conseguisse cortar nossas mais importantes linhas de suprimento do referido pôrto, lograria isolar quatro Exércitos aliados ao norte das ARDENAS.”

Depois de tecer uma série de considerações, êle diz :

“Pois correndo o perigo de um ataque de surpresa do inimigo nas ARDENAS, podíamos continuar com a ofensiva do inverno, tomar os diques do ROER e então forçar o inimigo a empenhar suas reservas numa batalha ao oeste do RENO. Mas se fôssemos proceder com prudência, preparando-nos para qualquer dificuldade nas ARDENAS, teríamos de suspender a ofensiva de inverno, reforçar a frente do 8º Corpo de MIDDLETON e apoiá-lo com mais tropas, para fazer frente ao perigo de um contra-ataque. Era evidente que não dispúnhamos de tropas bastante para empreender uma ofensiva de inverno e manter uma posição defensiva segura em tôda a frente aliada. Dar prosseguimento ao ataque ou deitar e esperar até a primavera: estas eram duas soluções que tínhamos a escolher.

Neste momento, somente uma indicação inequívoca de um iminente ataque nas ARDENAS ter-me-ia induzido a suspender a ofensiva do inverno. E isto não aconteceu até as 5 horas da manhã de 16 de dezembro, quando o inimigo iniciou a preparação de artilharia.”



E finalmente BRADLEY nos apresenta a resposta que deu a uma mensagem de Natal do General MARSHALL:

"Não culpo meus comandantes, meu Estado-Maior ou a mim próprio pela situação criada. Arriscamo-nos deliberadamente e o alemão nos golpeou mais forte do que esperávamos."

E como MONTGOMERY, já então Marechal-de-Campo, graças aos sucessos da NORMANDIA, viu os acontecimentos? Em suas Memórias dedica o Comandante do 21º Grupo-de-Exércitos dois capítulos aos acontecimentos. Um êle intitula "Prelúdio às Ardenas" e o outro, "A Batalha das Ardenas". No primeiro, êle analisa o dispositivo aliado em fins de novembro de 1944 e expõe como deveria ter sido planejado o prosseguimento sobre o RENO, insistindo sempre na premissa, de uma atuação ofensiva única, ao longo do litoral. Assim, ao comentar a conferência mantida entre os altos chefes aliados no dia 7 de dezembro, êle reproduz as próprias anotações que aqui transcreveremos *ipsis-litteris*:

"O 12º e o 21º Grupos-de-Exércitos deverão, ambos, operar ao norte das ARDENAS..."

"Mas considero que um só comandante deveria estar no controle das operações e na direção de todas as forças ao norte das ARDENAS. O comandante tanto poderia ser BRADLEY como eu próprio. De boa vontade serviria sob o comando de BRADLEY."

A reunião porém encerrou-se com a decisão de EISENHOWER — uma ofensiva ao norte do RUHR; outra ofensiva ao sul, tendo como eixo de progressão FRANKFURT—KASSEL.

E MONTY termina êste capítulo dizendo: — "Equanto isto, o 12º Grupo-de-Exércitos de BRADLEY estava disposto em duas concentrações, ambas em desenvolvimento para atacar. No meio havia uma brecha de cerca de 100 milhas sustentada pelo 8º Corpo americano de quatro divisões."

Como dissemos mais acima, um aspecto que proporcionou motivo para a querela foi o ato de EISENHOWER, retirando do comando americano, os IX e I Exércitos, que estavam ao norte do bolsão, colocando-os ao comando inglês. Evitar fatos como êste, vinha sendo uma preocupação dos norte-americanos desde PASSO FAID, lá ao norte da AFRICA. E o acontecido, que poderia não ter ganho maior eco, repercutiu graças a uma entrevista concedida pelo Marechal MONTGOMERY a sete de janeiro de 1945. Mais uma vez vamos transcrever para que o leitor tome conhecimento da opinião própria dos comandantes em estudo.

Ê MONTY que nos conta: — "Não somente foi, provavelmente, um erro completo convocar essa conferência naquela situação sensível de ressentimento, mas também o que disse foi habilmente des-torcido pelo inimigo."

.....



"Torcido ou não, penso hoje que jamais deveria ter convocado aquela conferência de imprensa. Era tão grande o ressentimento contra mim de parte dos generais americanos que qualquer coisa que dissesse seria tomada como errada. Não deveria por essa razão, ter dito coisa alguma."

.....

"Aquêles que não me conheciam bem difficilmente poderia ser ouvintes que dividissem comigo meu interêsse profissional pela arte da guerra e obviamente se sentiram vexados por essa fraseologia; estavam muito feridos para achar a batalha interessante, como uma empreza objetiva. De fato não sòmente não deveria ter convocado a conferência, mas também deveria ter sido mais cuidadoso que estava tentando ser. Tudo demonstra que deveria ter detido minha língua."

A entrevista de sete de janeiro apareceu nos jornais de todo o mundo, mas somos ainda tentados a apresentar aos nossos leitores alguns trechos do que o Visconde de El Alamein apresentou como sendo a "agenda" que utilizou na ocasião.

Inicialmente apresenta uma versão para os acontecimentos:

"RUNDSTEDT, atacou em 16 de dezembro; conseguiu a surpresa tática. Cavou uma profunda brecha no centro do Primeiro Exército e dividiu as forças americanas em duas. A situação parecia tornar-se embaraçosa; os alemães tinham rompido justamente através de um ponto fraco e estavam marchando para o MEUSE."

E prossegue: — "Então a situação principiou a piorar. Mas toda a equipe aliada se reuniu para conjurar o perigo; as considerações nacionais foram postas de lado; o General EISENHOWER colocou-me no comando de todo o flanco norte" .....

"A batalha tem sido muito interessante; penso, possivelmente, que é uma das mais interessantes e ardilosas batalhas que jamais dirigi."

Depois analisa o inimigo: — "O que RUNDSTEDT pretende alcançar?"

E depois de tecer considerações: — "Devemos admitir que nos causou um sensível golpe e nos mandou para trás, vacilantes; mas nós nos recuperamos; êle foi incapaz de conseguir qualquer grande vantagem de seus sucessos iniciais."

Em seguida faz uma afetuosa apreciação dos soldados americanos: — "É um combatente corajoso, firme sob o fogo e com aquela tenacidade na batalha que atesta o soldado de primeira classe; tôdas essas qualidades têm sido demonstradas em grau assinalado na presente batalha."

.....

"Saúdo o corajoso combatente da América; jamais esperei combater ao lado de melhores soldados."



E como BRADLEY recebeu o problema da divisão de comando?

Ele nos conta que 72 horas aproximadamente após o início da contra-ofensiva, fôra sondado por BEDELL SMITH, chefe do EM de EISENHOWER. Respondera negativamente e como o chefe do EM instasse, apresentara-lhe o seguinte argumento :

"Bedell, é difícil objetar para mim, respondi-lhe. Certamente, se MONTY fôsse americano estaria totalmente de acôrdo com você. Seria o procedimento mais lógico.

Neste momento de tomar uma decisão não podia dizer-lhe que o que mais temia era a probabilidade de que esta mudança de comando forçada resultasse em descrédito do comando norte-americano."

E prossegue expedindo uma série de considerações, tôdas elas apresentando a decisão do Comando Supremo sôbre, acertada, muito equilibrada, até que chega a declarar textualmente :

"Fôsse o comandante inglês outro qualquer, provávelmente a mudança de comando teria se processado sem incidentes, tensão e discussões. E, por certo, jamais teria afetado as relações aliadas, como ocorreu posteriormente. Porém, infelizmente, MONTGOMERY não podia resistir à tentação que esta oportunidade lhe oferecia, de torcer o nariz dos "yankees."

E mais adiante: — "Tão logo terminou o momento de perigo começou o período de recriminações ... Pois uma vez tendo rechaçado o inimigo, MONTGOMERY foi tido como São Jorge baixado à terra para salvar o comando norte-americano de um desastre completo."

Depois relata a entrevista e diz textualmente que ao tomar conhecimento dela, o EM do *EAGLE TAC* (12º Grupo) "explodiu de indignação". A imprensa norte-americana começou também a inquirir o que realmente haveria de verdade em tudo. E diz-nos o General BRADLEY: "resolvi então dar publicidade a uma nota à revelia do SHAEF, para que IKE não se visse envolvido nos acontecimentos." E desta nota, o trecho abaixo :

"O ataque alemão cortou as ligações telefônicas diretas com o I Exército e também as estradas diretas, através das quais os contatos pessoais eram normalmente mantidos. As condições atmosféricas impediam uma freqüente ligação pessoal com o I Exército via aérea. Por conseguinte, resolveu-se que o 21º Grupo-de-Exércitos assumiria o comando temporário de tôdas as tropas aliadas ao norte da penetração alemã. Era esta uma medida apenas temporária e quando as linhas fôssem restabelecidas, o 12º Grupo-de-Exércitos voltaria a reassumir o contrôle de tôdas as tropas norte-americanas naquela área."



Para a mais completa inteligência do assunto, vamos transcrever a frase com que BRADLEY situou, em instância final, o problema da nomeação de MONTY para o comando das FTTO:

"Se êle fôr designado comandante-Chefe das forças terrestres, mande-me para casa, pois se ficar subordinado a MONTGOMERY, terei perdido a confiança das minhas tropas."

E vale a pena também sabermos o que disse PATTON, o impetuoso comandante do III Exército, pivô freqüente dos desacertos entre ingleses e norte-americanos. Conta BRADLEY:

"George segurou-me pelo braço e falou:

— Se você fôr, BRAD, eu irei com você."

No dia 18 de janeiro de 1945, pronunciou CHURCHILL na Câmara dos Comuns, mais um dos seus imemoriais discursos, no qual com rara felicidade situou a pendenga e que assim se concluía:

"Que ninguém se deixe arrastar à gritaria dos agitadores, quando questões como estas da momentosa consequência, então sendo decididas com pleno êxito pela espada."

---

Eis aí pois, os mesmos fatos em duas versões; ambas apaixonadas, é evidente, mas desprovidas de qualquer má-fé, pois esta é uma erva daninha, que não medra no coração dos velhos e legítimos soldados.

Os memorialistas jamais olvidaram que eram lutadores do ideal democrático, na busca de um mundo melhor para a humanidade; mas é evidente que sempre mantiveram grandemente arraigada no coração a imagem da Pátria e na mente os interesses nacionais.

Isto será, sempre, uma constante na guerra do futuro, guerra cada vez mais de coligação, e na qual, por força da posição que ainda não temos, mas que muito almejamos possuir no cenário internacional, teremos certamente de participar e permita Deus que o façamos no bloco da democracia.

É certo que não necessitamos buscar na História dos outros países os aspectos que se impõem à nossa meditação. Na nossa própria História encontraremos, no comando das chamadas Forças da Triplíce Aliança, um vasto repositório de experiência a espera de quem o analise.



Esta é uma tarefa que se impõe. Quanto mais não fôsse nos obrigaria a uma incursão num passado glorioso, e aí está, quem sabe, a oportunidade de aprendermos que o nacionalismo não chega a um país trazido pelos ventos gelados da SIBÉRIA, mas sim, que nasce na História deste país, cresce e se alenta no culto da Pátria.

### B I B L I O G R A F I A

- 1 — Síntese de Três Séculos de História Militar Brasileira de F. DE PAULA CIDADE.
- 2 — A Estratégia dos Aliados na Segunda Guerra Mundial: HEITOR DE ALMEIDA HERRERA
- 3 — Memórias do Marechal Montgomery, tradução de LUÍS MOURA BARBOSA.
- 4 — Memórias de um soldado do General OMAR NELSON BRADLEY, tradução de NYLSON BOITEUX e LUIZ PAULO CARVALHO.
- 5 — Cruzada na Europa de DWIGHT EISENHOWER.
- 6 — Decisões Fatais, tradução de MIRANDA CARVALHO e AMERINO RAPOSO.
- 7 — Exercício CH2 — 11 — 1956 — ECEME
- 8 — Exercício CH1 — 2 — 1957 — ECEME
- 9 — Exercício CH1 — 3 — 1957 — ECEME
- 10 — Exercício CH3 — 5 — 1957 — ECEME
- 11 — Exercício 2225 — 1957 — ECEME
- 12 — Exercício 2217 — 1958 — ECEME

A DEFESA NACIONAL é a sua Revista de estudos e debates profissionais. É a sua tribuna. MANDE-NOS SUAS COLABORAÇÕES!



# EXPANSIONISMO MERIDIONAL LUSO-BRASILEIRO

Cel Cav MOACYR RIBEIRO COELHO

Oficial de Estado-Maior

## SUMÁRIO

### 1ª PARTE — ANTECEDENTES HISTÓRICOS

1. Término do período medieval
2. O Mundo Mediterrâneo e o intercâmbio com o Extremo Oriente
3. As "Rotas das especiarias" e o bloqueio turcomano
4. A navegação de alto mar
5. Os dois ciclos de navegação
  - a. Ciclo oriental
  - b. Ciclo ocidental
6. A divisão do mundo pela Santa Sé
7. As bulas de Alexandre VI
8. O Tratado de Tordesilhas
9. O conquistador ibérico
10. Linhas gerais dos dois expansionismos

### 2ª PARTE — CONQUISTA DO ESPAÇO GEOGRÁFICO

#### I — Expansionismo meridional luso-brasileiro

##### A. Quadro geral da evolução histórica

1. Primeiras expedições
2. Expedição colonizadora — Fundação de São Vicente
3. Capitanias hereditárias
4. Governo geral — Dualidade e reintegração administrativa
5. Situação da colônia portuguesa em 1580
6. Consequências da dominação espanhola no Brasil

##### B. Os focos paulistas: São Vicente e São Paulo

1. Expansão litorânea
2. Povoamento do Planalto
3. Caracterização geo-econômica dos focos vicentino e paulista

#### II — Conquista e colonização do Rio da Prata

##### A. Fase dos Adelantados

1. Descobrimento e primeiras explorações
2. A expedição de Pedro de Mendoza — primeira fundação de Buenos Aires
3. Fundação de Assunção do Paraguai
4. Expansão territorial dos Adelantados — segunda fundação de Buenos Aires
5. Regime de governo — Adelantados e governantes interiores

##### B. A obra da catequese

1. Quadro geral das atividades jesuíticas
  - a. A obra de catequese
  - b. As reduções jesuíticas do Paraguai
  - c. Organização social e econômica das reduções inacianas
  - d. Importância político-militar
2. As quatro grandes províncias jesuíticas — Guaranis da primeira fase
  - a. Província de Guaíra — As reduções jesuíticas de Guaíra
  - b. Os redutos Itatins
  - c. Reduções do "Uruguai e Tapes"



3. O Estado Teocrático dos 23 Povos
  - a. Configuração do território
  - b. Localização dos Povos
  - c. Movimento demográfico nas reduções
  - d. Síntese histórica sobre os Sete Povos e Reduções em território oriental

### III — O ciclo da caça ao índio

- A. Escravidão do indígena como imperativo econômico
- B. As rotas das bandeiras
  1. Bandeiras em Guafrá
  2. Bandeiras nas reduções itatins
  3. Bandeiras no Rio Grande do Sul

### IV — O povoamento do extremo sul

- A. Fundação da Colônia do Sacramento
- B. Sorocaba, Laguna e a irradiação para o sul
- C. Ocupação da margem norte do canal
- D. Fundação do Presídio do Rio Grande
- E. O ciclo açoriano
- F. O elemento humano

## 3ª PARTE — LUTAS PELA MANUTENÇÃO DA POSSE

### I — Lutas em torno da Colônia do Sacramento

- A. Primeiro ataque à Colônia
- B. Segundo ataque
- C. Acórdio de 1735-1737 — Fundação do Presídio do Rio Grande

### II — O Tratado de Madri e a Guerra Guaranítica

### III — Dominação espanhola no Rio Grande

- A. O Distrito de El Pardo e suas conseqüências — Pedro Cevallos
- B. Campanha de 1762-1763
  1. Conquista da Colônia do Sacramento
  2. Invasão do Continente de São Pedro
  3. Situação das forças lusas e espanholas na região do Canal
- C. Campanha de 1773
  1. Operações militares
  2. O combate de Tabatinga
- D. Tentativas de restauração territorial
  1. Movimentação de tropas
  2. Reconquista da vila de Rio Grande
  3. Conquista do Forte de Santa Tecla
- E. Campanha de 1777
  1. Movimentação das forças
  2. Ocupação de Santa Catarina
  3. Ocupação da Colônia do Sacramento
  4. Nova ameaça sobre o Rio Grande

### IV — O tratado de Santo Ildefonso e suas conseqüências para o Brasil